

Criado em 2003, este movimento ativista contra a violência sobre as pessoas negras ganhou expressão em 2014, na sequência dos confrontos entre negros e as forças policiais na cidade de Ferguson. No seu conjunto, estes tumultos foram os mais graves desde os motins de 1992, em Los Angeles.

Um homem armado matou 20 crianças de seis anos de idade na escola primária de Sandy Hook. Obama chorou em mais do que uma ocasião ao referir-se a este caso. Foi o tiro de partida para tentativas falhadas de mudar a lei das armas.

No final de 2014, os Presidentes dos EUA e de Cuba anunciaram um acordo histórico para o reatar de relações bilaterais que permitiu o levantamento do embargo decretado por Washington a Havana.

nheceram uma evolução favorável”, afirma Álvaro Vasconcelos. A reforçar esta ideia está o aparecimento do movimento “**Black Lives Matter**” e os confrontos entre comunidades negras e forças policiais que mancharam o segundo mandato.

Além deste fracasso assumido pelo próprio, Obama não escondeu o desalento pela incapacidade demonstrada em aprovar legislação mais restritiva sobre o uso e porte de armas. O tiroteio de **Sandy Hook**, em 2012, é para Obama o momento mais negativo dos oito anos de presidência.

Pires de Lima identifica um outro fracasso ao nível doméstico: Obama não terá feito tudo o que podia pela paz no eleitorado democrata depois das primárias de 2008, uma divisão que contribuiu para a derrota de Hillary Clinton em 2016”. Grunwald concorda e recorda que o Partido Democrata “perdeu as duas câmaras do Congresso sob a sua liderança e vê Obama ser substituído por alguém que quer desfazer tudo aquilo que ele fez”.

“Obama criou extraordinárias expectativas. O que acabou por criar um défice de expectativas”, explica Álvaro Vasconcelos, lembrando o não cumprimento da promessa de encerrar a prisão de Guantánamo. Receber o prémio Nobel da Paz com menos de um ano de presidência – Obama chamou-lhe “presente envenenado” – não ajudou. “Mas não conseguir pôr em prática toda a sua agenda” também se deveu a um Congresso hostil, não apenas em relação ao político mas também ao que a própria pessoa representa, sustenta Vasconcelos. Em bloco, a oposição chamou-lhe “demagogo das palavras”. Classificação injusta, diz Pires de Lima, ao ver na “qualidade da comunicação e da liturgia do discurso presidencial” factores que fizeram de Obama “um dos melhores Presidentes americanos no domínio do discurso político”.

UM PRESIDENTE MULTILATERALISTA

Olhando para o plano externo, a avaliação feita à acção presidencial de Barack Obama é globalmente favorável. “No essencial, foi muito positiva”, diz Vasconcelos. O especialista em RI considera que o Presidente cessante percebeu que “a América já não é uma superpotência hegemónica e que já não vivemos num mundo unipolar”. E conclui que “Obama foi claramente um Presidente multilateralista” num “mundo pós-ocidental”, em que países como a China e Índia “são a pedra-de-toque”. O **Acordo de Paris** sobre as alterações climáticas é um exemplo desta perspectiva. Tal como o é a “importância atribuída ao G10, à China e à Ásia de uma forma geral”.

A abertura que se traduziu no acordo de **cooperação com Cuba** e no **acordo sobre o programa nuclear do Irão** também figura entre os feitos das políticas de Obama. “Forjou um acordo que travou o programa nuclear iraniano e promoveu uma grande abertura face a Cuba”, refere Michael Grunwald. “Também fez regressar a casa quase todas as nossas tropas que estavam no Iraque e no Afeganistão”, lembra o jornalista. Pires de Lima discorda ao considerar que Obama “não previu nem geriu convenientemente as retiradas do Iraque e do Afeganistão, nem as revoltas árabes e islâmicas no Mediterrâneo”.

Mesmo com a generalidade dos analistas a apontar a Síria como o maior falhanço da política externa da administração Obama, o Presidente cessante vê na Líbia o seu maior fracasso. Vasconcelos compreende esta leitura e recorda que Oba-

ma “também foi eleito pela defesa do não-intervencionismo” e salienta que, “apesar do mandato do Conselho de Segurança, foi grave a intervenção na Líbia ter ido muito além do mandato da ONU”.

Mas, para Álvaro Vasconcelos, a acção americana na Síria foi, de facto, “o maior fracasso”, sobretudo pela “indisponibilidade de os EUA usarem a força, mesmo como último recurso”. A política de Obama em relação ao Médio Oriente “foi extremamente negativa”, lamenta o analista. O que, no entender de Pires de Lima, se ficou a dever “à ingenuidade e excesso de optimismo” demonstrados por Obama, “sobretudo no início do mandato”. Para o investigador, houve “demasiada complacência com o revisionismo russo na Ucrânia e na política europeia”.

Considerando que Obama “fez a análise correcta da ordem internacional e colocou em prática as políticas certas para multilateralizar o policentrismo” vigente, Vasconcelos acredita que “a fragilidade da UE e o processo de desagregação internacional enfraqueceram a capacidade de acção de Obama”. Para Pires de Lima, os mandatos do Presidente cessante constituíram “uma grande oportunidade perdida para fazer mais e melhor na política interna e externa e uma grande oportunidade conquistada para mudar uma série de eixos geopolíticos, percepções sobre a América, novas formas de fazer campanha eleitoral e de alargamento da sensibilidade social”. Vasconcelos defende que estas contradições mostram que “Obama tinha o defeito das suas virtudes”. Ou seja, a convicção na necessidade de procurar “consensos para implementar uma agenda de valores que não pode ser imposta, tem de ser construída”. Classificando o legado de Obama de “extraordinário”, este analista afiança que “vamos ter saudades dele e, quanto mais o tempo passar, melhor perceberemos o quão certo estava em relação ao essencial”. O que também deixará saudades, e que não é de somenos quando se olha para o historial de polémicas de muitos Presidentes norte-americanos, é que Obama deixa a presidência “sem escândalos nem casos nefastos à sua imagem ou da sua família”, recordam Pires de Lima e Grunwald.

UM LEGADO AINDA POR DEFINIR

Quando Barack Obama tomou posse como 44.º Presidente dos Estados Unidos, reinava a esperança numa América e num mundo melhores. Agora que toma posse Donald Trump, é o medo do abismo e a incerteza que imperam. Obama sai de cena com nota alta, como mostra a sondagem desta semana do Washington Post e da ABC, que o inclui no lote restrito de Presidentes – Roosevelt, Reagan e Bill Clinton – que cessam funções com 60% ou mais de aprovação. E como um político inspirador e bem-intencionado que tentou derrubar muros – tensões raciais, desigualdade, preconceitos –, mas que se deparou com uma oposição acicatada. Sem maioria no Congresso, recorreu a decretos presidenciais para aprovar medidas como a redução das emissões de gases poluentes ou o reatar das relações com Cuba e o Irão. Boa parte deste legado está agora ameaçado pela chegada de Trump ao poder. É por isso que Grunwald, mesmo considerando que Obama “foi um Presidente incrivelmente consequente”, diz que o seu “legado ainda não está definido”. Conhecedor desta realidade, Obama disse na NBC que “fazemos progressos e, por vezes, damos um passo atrás antes de voltar a andar para a frente. Mas isso não é motivo para desesperar. É motivo para ter esperança.” **W**

O acordo sobre as alterações climáticas insta os Estados a encetar esforços para limitar o aumento da temperatura “bem abaixo dos 2°C” e incentivá-los a “continuar esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C” relativamente à era pré-industrial.

O acordo entre os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, mais a Alemanha (P5+1), e o Irão permitiu o levantamento das sanções aplicadas a Teerão pela prossecução do programa nuclear. E normalizar as relações do Irão com a comunidade internacional.